

Educar P
Por uma educação
respeito às ideias
difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2007 • página 1

MUITO ALÉM DO SEXO BIOLÓGICO

Albertina Costa

Matéria publicada na:

*Ciência Hoje na Escola, v.2: Sexualidade: corpo, desejo e cultura, p.
42/44 – SBPC, 2001*

dezembro de 2007



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2007 • página 2

Autora

Albertina Costa

Pesquisadora Sênior

Fundação Carlos Chagas

Este texto faz parte de uma publicação que reuniu especialistas de diferentes áreas do conhecimento que se aplicaram na produção de conteúdos abordando a Educação e Orientação Sexual na escola, transformando-os em rico material de apoio ao ensino fundamental.

Ao final deste texto, você encontra relacionados os temas e autores que compuseram esta publicação, além de indicações de sites para consultas.

Ao contrário dos outros animais, nós, seres humanos, não precisamos viver em um ambiente específico. Podemos habitar todos os pontos do planeta, porque nos adaptamos a, praticamente, todos os ambientes, construindo moradias adequadas onde for preciso e usando como alimento as mais variadas espécies vegetais e animais.

Também o nosso comportamento é diferente do comportamento dos animais, pois não é apenas instintivo. Ele não depende somente do que está registrado em nossos genes e, por isso mesmo, não é completamente hereditário. É claro que, como os animais, também temos impulsos instintivos, como a fome, o sono e o desejo sexual, por exemplo. Mas, a diferença é que, para atendê-los, não nos deixamos levar apenas pelo instinto.

No caso da comida, por exemplo, isso é muito fácil de ver, pelo menos para quem mora em grandes cidades. Come-se de tudo um pouco: do brasileiroíssimo tutu de feijão à italiana pizza; do japonês sushi à espanhola paella; do chucrute, de origem alemã, aos escargots, que os franceses adoram; da bacalhoadada, de nossos colonizadores portugueses, ao quibe, de origem árabe. Essas, e muitas outras, são maneiras diferentes de saciar a nossa fome.

Pensem agora no sono. Quais seriam a posição e o lugar natural para dormirmos? Deitados em camas, como a maioria dos povos europeus; em tatames, como no Japão tradicional; em redes, como muitos índios da América do Sul ou sobre peles de animais, como os esquimós? Ou, talvez, diretamente sobre o chão, com a cabeça apoiada em uma das mãos, como em certas tribos africanas? Ou, ainda, de pé, como o povo Masai, do Sudão? Ou, até mesmo, montados em cavalos, como faziam os antigos guerreiros do povo huno?



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2007 • página 3

É no sexo, porém, que encontramos o melhor exemplo da grande variedade de soluções para a satisfação de nossos instintos. Os impulsos sexuais dos seres humanos são parecidos com os de outros mamíferos, mas, ao contrário do que acontece entre eles, não temos desejo sexual apenas em certos períodos; nosso desejo sexual é permanente.

Além disso, nossa satisfação sexual também pode acontecer de diversas maneiras. Estudos de comportamento mostram que, em matéria de sexo, somos capazes de quase tudo. Assim como no caso da comida ou dos modos de dormir, o que fazemos para nossa satisfação sexual não depende apenas de nossa natureza biológica. É, muito mais, resultado de nossos hábitos sócio-culturais.

Como surgem os hábitos sócio-culturais

Nenhum comportamento humano pode ser considerado natural. Mesmo aqueles que, à primeira vista, parecem naturais, são construídos a partir da vida em sociedade. Nossa existência se baseia nas relações sociais que estabelecemos e, se os vemos como naturais, é porque estamos acostumados com a vida em sociedade.

Agimos e interagimos uns com os outros, construindo as relações sociais a partir de nossas ações. Quando agimos de certa maneira e nos agrada a resposta que provocamos nas pessoas, ou seja, quando agimos e somos entendidos, conseguindo o que queríamos, consideramos nossa ação satisfatória. A tendência é repetirmos tais ações. Pouco a pouco, repetindo ações que deram bons resultados, aprendemos a nos comportar de determinada maneira, estabelecendo uma certa conduta.

Quando essas ações são aceitas pela sociedade, passam a ser normas (regras) da sociedade, que incluem desde normas informais, como as que existem para o famoso “ficar” dos adolescentes, até as mais formais, como aquelas que conhecemos como leis e que estão registradas nos códigos civis.

Em geral, as normas sociais estão tão dentro de nós mesmos, que nem sequer notamos sua existência. Agimos de acordo com elas e só nos damos conta disso quando, por acaso, desobedecemos a elas. Primeiro, na vida em família, depois, na escola e nos outros grupos de que participamos, do clube ao ambiente de trabalho, vamos aprendendo os comportamentos esperados, e, aos poucos, essas normas se tornam nossas. Agindo de acordo com elas, também contribuimos para que continuem existindo.

Um bom exemplo de respeito às normas criadas pela sociedade é o uso que fazemos da linguagem. Característica do ser humano, todos os povos possuem uma linguagem, que é



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2007 • página 4

própria desse povo e diferente daquela de povos vizinhos. A criança nasce dentro do universo de linguagem de seu grupo e, aos poucos, passa a compreendê-lo e dominá-lo. Então, nada lhe parece mais natural do que os nomes pelos quais conhece os sentimentos, os objetos e as pessoas que a cercam, e ela os usa diariamente sem sequer perceber.

Os papéis sexuais

Nem mesmo nossos papéis sexuais na sociedade são determinados apenas por nossa constituição biológica. Como ser homem ou como ser mulher não está marcado em nossos genes. É muito mais uma construção social, pois, como já vimos, o comportamento dos seres humanos é construído em função das respostas dadas pela sociedade. Tanto é assim, que, nas diferentes sociedades humanas, homens e mulheres costumam ter papéis muito diferentes.

Veja este exemplo. A divisão sexual do trabalho, isto é, sua divisão em tarefas de homens e tarefas de mulheres, existe em todas as sociedades. Mas esse tipo de organização não está baseado em nossa natureza biológica, pois historiadores e estudiosos do comportamento mostraram que a divisão sexual do trabalho varia muito, e sempre variou, no tempo e no espaço. Uma tarefa considerada feminina numa sociedade pode ser encarada como masculina em outra: cultivar a terra, por exemplo, tanto pode ser tarefa feminina – entre os Bororo, indígenas do Brasil central, são as mulheres que trabalham a terra –, como masculina – entre os Zuni, tribo do Novo México, esse é um trabalho de homens.

Como se vê, não existem regras biológicas para a divisão sexual do trabalho. Apesar de essa divisão existir em praticamente toda parte, e se basear em um atributo natural, o sexo, quem determina que tarefas serão atribuídas a um ou outro sexo é a sociedade e, portanto, a divisão não pode ser considerada natural.

Segundo a sociologia, a ciência que estuda as sociedades, essas podem ser classificadas como modernas ou tradicionais de acordo com a divisão sexual do trabalho. Seriam tradicionais, as sociedades nas quais essa divisão é rígida, isto é, com certas atividades sendo exclusivas de um sexo, e, portanto, proibidas ao outro.

Nas sociedades modernas, como a nossa, não existe tal rigidez e a divisão sexual do trabalho é bastante flexível.

Apesar disso, a posição de mulheres e homens na escala social não é, de maneira nenhuma, equivalente. Principalmente, no que diz respeito à divisão do trabalho doméstico, à posição na vida profissional ou à representação no ambiente político.

difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2007 • página 5

Essas posições desiguais podem ser encaradas de forma mais amena, como uma complementaridade de papéis e funções. Nesse caso, a divisão sexual do trabalho provocaria um estado de dependência mútua entre os sexos, fazendo com que o casamento fosse mais vantajoso do que ficar solteiro, explicando-se, assim, o fato de as sociedades estarem baseadas na família.

Ou, de maneira mais radical, como uma relação de dominação. Nesse caso, não existe complementaridade entre os sexos e a sociedade humana está fundada em uma desigualdade, com o sexo masculino levando vantagem sobre o sexo feminino.

No primeiro caso, que acredita que os papéis sexuais se complementam, a divisão sexual do trabalho é entendida como especialização segundo o sexo. O resultado pode ser o modelo tradicional de família, no qual cabe às mulheres o papel dos serviços domésticos, e aos homens, o de sustento financeiro, ou o modelo de conciliação entre vida profissional e familiar, no qual as mulheres trabalham fora, mas têm também quase total responsabilidade pelas tarefas domésticas.

No segundo caso, em que existe idéia de antagonismo entre os sexos, a divisão sexual do trabalho teria como característica a atribuição da responsabilidade reprodutiva às mulheres e da responsabilidade produtiva aos homens, que, assim, também conseguiriam as funções mais valorizadas socialmente. Segundo essa idéia, a divisão sexual do trabalho está organizada por duas idéias principais: de que existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres e de que um trabalho de homem vale mais do que um trabalho de mulher. A relação social entre os sexos é, dessa forma, caracterizada como uma relação de dominação e existe tensão social.

É importante lembrar, porém, que as relações entre os sexos, como todas as relações entre os seres humanos, não são naturais. Elas são resultado de nossa história e cultura e, portanto, estão sujeitas a modificações. Cabe a nós, se não estivermos satisfeitos com elas, a tarefa de modificá-las. ✕

Sumário do Ciência Hoje na Escola, Vol. II, 2001

Sexo na escola? Simone Monteiro e Sandra Rebello. Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz

Os mistérios do desejo. Maria Rita Kehl. Psicanalista, poeta e escritora

difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2007 • página 6

- Uma ciência para a sexualidade.* Carmita H. N. Abdo. Faculdade de Medicina, USP
- Espermatozóide + óvulo = célula-ovo: você começou assim.* Priscila Guimarães Otto. Instituto de Biociências, USP
- Hormônios: os mensageiros do sexo.* Maria Aparecida Visconti. Instituto de Biociências, USP
- O sexo de cada um.* Priscila Guimarães Otto. Instituto de Biociências, USP
- A anatomia dos órgãos genitais humanos.* Waldemar Mendes de Oliveira Júnior. Faculdade de Medicina, USP
- Sexualidade e Identidade: entre o social e o pessoal.* Maria Luiza Heilborn. Instituto de Medicina Social, UERJ
- Muito além do sexo biológico.* Albertina Costa. Fundação Carlos Chagas
- Em busca dos mesmos direitos.* Fabíola Rohden. Instituto de Medicina Social, UERJ
- Certo ou errado?* Daniela Riva Knauth. Instituto de Medicina Social, UFRGS
- Violência sexual.* Bárbara Musumeci Soares. Universidade Cândido Mendes
- Gravidez na adolescência.* Elaine Reis Brandão. Instituto de Medicina Social, UERJ
- Prostituição e "consumo sexual".* Adriana Piscitelli. PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero, Unicamp
- O que os olhos não vêem... e o corpo sente.* Estela Maria Leão de Aquino. Instituto de Saúde Coletiva, UFBA
- E se eu ficar grávido?* José Mendes Aldrighi e Andréa Larissa Ribeiro Pires. Faculdade de Saúde Pública, USP

Endereços para saber mais:

CCR – Comissão de Cidadania e reprodução

<http://www.ccr.org.br>

Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos.

<http://direitos-sexuais.org>

Núcleo de Estudos de População

<http://nepo.unicamp.br>

Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde

<http://nupacs.ufrgs.br>